

O ENSINO DE LÍNGUA ESPANHOLA PARA ALUNOS COM TEA: O DESAFIO DE ENSINAR O IDIOMA PARA UM ALUNO AUTISTA NÃO VERBAL¹

La enseñanza de lengua española para alumnos con TEA: el desafío de enseñar el idioma para un alumno autista no verbal

Cássia Alessandra Santos da Silva²
Cristina Rörig Goulart³

Resumo: O aumento do número de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem sido observado na sociedade. Diagnósticos precisos e identificação precoce do transtorno são ações fundamentais para que essas crianças sejam incluídas no convívio diário. A escola tem um papel importante neste processo, pois ao incluir uma criança com autismo, promove o respeito às diferenças e garante que ela tenha as mesmas oportunidades de aprendizagem, socialização e desenvolvimento de suas habilidades. A inclusão favorece, também, a autoestima e a autonomia da criança, permitindo que ela se sinta parte do grupo e possa explorar seu potencial ao máximo. Como algumas crianças com TEA podem apresentar dificuldades na comunicação e na interação social, é importante utilizar estratégias de aprendizagem diferenciadas e adaptar os materiais didáticos. O uso de recursos visuais, as atividades lúdicas e uma abordagem individualizada que torne o aprendizado mais acessível e envolvente são alguns exemplos de ações pedagógicas que podem ser adotados. Este ensaio apresenta uma discussão qualificada sobre o desafio de ensinar língua espanhola para uma criança autista não verbal, mostrando a importância de usar recursos visuais, criar rotinas estruturadas, aproveitar os interesses individuais, ser paciente e respeitoso, além de contar com o apoio de profissionais especializados para alcançar os objetivos de aprendizagem estabelecidos para a formação do aluno. Com essa abordagem, busca-se implementar um ambiente mais acolhedor e propício ao aprendizado.

Palavras-chave: Autismo. Inclusão. Aprendizagem. Língua Espanhola.

Resumen: El aumento en el número de niños diagnosticados con Trastorno del Espectro Autista (TEA) ha sido observado en la sociedad. Los diagnósticos precisos y la identificación temprana del trastorno son acciones fundamentales para que estos niños

¹Trabalho de Conclusão de Curso, no formato de ensaio acadêmico, apresentado ao Colegiado do Curso de Especialização em Linguagens Contemporâneas e Ensino do Campus Canoas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do Título de Especialista Linguagens Contemporâneas e Ensino.

²Graduada em Letras Licenciatura Língua Portuguesa, Língua Espanhola e respectivas Literaturas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006). Acadêmica do curso de Pós-graduação Especialização em Linguagens Contemporâneas e Ensino, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRS) – Campus Canoas. E-mail: cassiaalessandradasilva@gmail.com

³Graduada em Letras Português/Inglês, pela UNISINOS, Mestrado e Doutorado em Linguística, pela PUCRS, 2008 e 2012. Professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa no IFRS - *Campus* Porto Alegre. E-mail: cristina.rorig@poa.ifrs.edu.br

sean incluídos en la convivencia diaria. La escuela tiene un papel importante en este proceso, ya que al incluir a un niño con autismo, promueve el respeto por las diferencias y garantiza que tenga las mismas oportunidades de aprendizaje, socialización y desarrollo de sus habilidades. La inclusión también favorece la autoestima y la autonomía del niño, permitiéndole sentirse parte del grupo y explorar su potencial al máximo. Como algunos niños con TEA pueden presentar dificultades en la comunicación y en la interacción social, es importante utilizar estrategias de aprendizaje diferenciadas y adaptar los materiales didácticos. El uso de recursos visuales, actividades lúdicas y un enfoque individualizado que haga el aprendizaje más accesible y atractivo son algunos ejemplos de acciones pedagógicas que se pueden adoptar. Este ensayo presenta una discusión calificada sobre el desafío de enseñar lengua española a un niño autista no verbal, mostrando la importancia de usar recursos visuales, crear rutinas estructuradas, aprovechar los intereses individuales, ser paciente y respetuoso, además de contar con el apoyo de profesionales especializados para alcanzar los objetivos de aprendizaje establecidos para la formación del alumno. Con este enfoque, se busca implementar un ambiente más acogedor y propicio para el aprendizaje.

Palabras clave: Autismo. Inclusión. Aprendizaje. Lengua Española.

Considerações iniciais

Em fevereiro de 2024, durante a jornada pedagógica da escola na qual trabalho, fui comunicada pela coordenação que teria em uma turma de sexto ano um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) não verbal. Após obter mais informações sobre seu comportamento e métodos de aprendizagem, comecei a pensar em como iria ensinar espanhol para ele. Como o aluno não estava alfabetizado na sua língua materna, todos os materiais teriam que ser adaptados, já que ele não usava o livro didático da escola. Conversei com a professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE) da escola e obtive mais informações e dicas de como poderia desenvolver um bom trabalho com este aluno durante todo o ano letivo. As principais instruções foram trabalhar com figuras e preencher o Plano Educacional Individualizado (PEI) à medida que os conteúdos fossem sendo ensinados, para analisar a evolução do aluno.

Para a primeira aula, elaborei uma atividade na qual os alunos teriam que escrever uma carta para eles mesmos, cujo assunto era “mis deseos para el año de 2024” (“meus desejos para o ano de 2024”). As cartas ficariam em um envelope lacrado durante o ano todo e somente na última aula do ano letivo seria aberto e todos iriam ler suas cartas, ver se o que tinham desejado em fevereiro se concretizou durante o ano e, também, se os desejos permaneciam inalterados ou sofreram modificações. Para o aluno com TEA, propus que ele fizesse um desenho de algo que ele gostasse ou queria e ele desenhou a própria mão. A monitora que o acompanhava nas aulas e eu, conversando posteriormente, entendemos que o desenho poderia ter dois significados: ou que ele não sabia desenhar e somente soube fazer o contorno da sua própria mão ou que o desenho poderia significar o desejo de aprender a escrever. Ali percebi o quanto seria desafiador o ensino-aprendizagem para este aluno, e ele se tornou a inspiração para realizar este trabalho de conclusão da pós-graduação.

Este ensaio está organizado em cinco seções. Na primeira seção, *A importância de aprender uma segunda língua*, é abordada a relevância do ensino de idiomas nas escolas, tanto de ensino fundamental quanto médio. Na segunda seção, *O ensino de espanhol nas escolas de ensino fundamental e médio*, estimula a reflexão acerca das

diferenças estabelecidas pelas instituições de ensino no processo de ensino-aprendizagem desse idioma, sobretudo quando comparado ao ensino da língua inglesa. Na terceira seção, *O autismo na escola: todos os alunos são iguais?*, está apresentada a diferença dos graus do autismo e como cada aluno precisa de um olhar especial, visto que nem todas as crianças autistas aprendem da mesma maneira. Na quarta seção, *O desafio de ensinar espanhol para um aluno autista não verbal*, é explicado como foram elaborados materiais para trabalhar com o aluno, relatando os erros e acertos no seu desenvolvimento, pensando em como esses materiais adaptados colaboraram para o ensino-aprendizagem do idioma. Por fim, na seção de *Considerações finais*, são revisados os principais aprendizados para a autora deste ensaio, juntamente com sugestões pensadas especialmente para o público docente.

1 A importância de aprender uma segunda língua

Ensinar uma língua estrangeira aos alunos no ensino fundamental pode ser significativo para sua formação. Aprender uma ou mais línguas contribui para o crescimento pessoal, enriquecendo tanto a cultura quanto às oportunidades profissionais dos estudantes (Antunes, 2010). Desde os primeiros anos de escolaridade, a introdução a uma língua estrangeira pode proporcionar uma série de benefícios, tanto no âmbito acadêmico quanto pessoal, visto que o ensino de idiomas nas escolas colabora para o desenvolvimento das habilidades comunicativas e cognitivas dos alunos.

Um dos principais objetivos do ensino de idiomas é promover a comunicação. Aprender uma nova língua permite que os alunos se conectem com culturas diferentes, ampliando suas perspectivas e promovendo a empatia. Ademais, o bilinguismo é uma habilidade cada vez mais valorizada no mercado de trabalho globalizado, tornando os alunos mais preparados para os desafios no futuro.

Outro fator que pode ser considerado relevante é o desenvolvimento cognitivo. Aprender uma segunda língua melhora a capacidade de resolução de problemas, a criatividade e o raciocínio crítico. O ensino de idiomas também pode ser uma oportunidade para abordar questões de diversidade e inclusão, uma vez que o aprendizado sobre diferentes culturas e modos de vida promove maior tolerância e respeito pelas diferenças, em um mundo cada vez mais multicultural.

No entanto, deve-se levar em consideração a abordagem pedagógica utilizada no ensino de idiomas. De acordo com Antunes (2010), não é aconselhável que o professor simplesmente transmita regras ortográficas ou dite frases, mas sim auxilie o aluno a aprender de forma efetiva. Aprender de maneira significativa requer a intenção consciente de quem ensina, e, para levar um estudante do ensino fundamental a aprender, deve-se proporcionar a ele a oportunidade de se tornar uma pessoa mais reflexiva e capaz de se expressar, mesmo que seu discurso ainda seja limitado.

Portanto, métodos que favoreçam a interação, o uso de tecnologias e a contextualização do aprendizado tendem a ser mais eficazes. Nesse processo, a motivação dos alunos é um fator a ser considerado, pois ela pode ser alcançada através de atividades lúdicas, projetos integrados e a utilização de recursos como músicas, filmes e literatura em língua estrangeira. Desta forma, o ensino de idiomas nas escolas regulares pode contribuir para o desenvolvimento dos alunos. Ele não apenas enriquece o conhecimento linguístico, mas também contribui para a formação de cidadãos mais conscientes, críticos e preparados para o futuro. Por isso, as instituições educacionais devem investir em

currículos de idiomas que sejam bem estruturados e que considerem as necessidades e interesses dos alunos.

Para os alunos com deficiência, a aprendizagem de uma segunda língua pode trazer diversos benefícios. Ela promove o desenvolvimento cognitivo, melhorando habilidades como atenção, memória e resolução de problemas. Além disso, ajuda a ampliar a comunicação e a socialização, facilitando a interação com colegas de diferentes origens. Aprender uma segunda língua também pode fortalecer a autoestima, promover a autonomia e estimular o interesse por novas culturas, tornando o ambiente escolar mais inclusivo e acolhedor.

Considerando a relevância da aprendizagem de idiomas nas escolas regulares de ensino fundamental e médio, alguns questionamentos devem merecer atenção: a aprendizagem do espanhol tem relevância nas escolas, quando comparado com a língua inglesa? Como trabalhar um novo idioma com crianças e adolescentes autistas, visto que muitas vezes eles não foram alfabetizados na sua língua materna? Os professores estão preparados para trabalhar com alunos autistas, visto que nem todo aluno autista apresenta as mesmas dificuldades? A elaboração de materiais adaptados para trabalhar com os alunos autistas colabora para o ensino-aprendizagem dos conteúdos? Neste ensaio, serão analisados esses questionamentos, bem como o desafio, os erros e os acertos no processo de ensino-aprendizagem de espanhol para um aluno autista não verbal.

2 O ensino de espanhol nas escolas de ensino fundamental e médio

O ensino da língua espanhola nas escolas brasileiras apresenta especificidades que se refletem tanto na abordagem pedagógica quanto no contexto cultural em que está inserido. Apesar da forte presença do espanhol na América Latina e da sua relevância para as relações socioculturais e econômicas do Brasil, o idioma nem sempre é valorizado como componente essencial da formação escolar. Essa percepção deve-se, em parte, à proximidade linguística com o português, o que leva alguns a considerar a sua aprendizagem dispensável ou demasiadamente simples.

No espaço escolar, essa desvalorização se reflete na carga horária reduzida, muitas vezes limitada a apenas um período semanal. Nesse contexto, embora exista a intenção de promover a comunicação em sala de aula, prevalece uma abordagem voltada para a gramática, o que conduz a um aprendizado mais formal e restrito. Além disso, os recursos didáticos voltados para o espanhol, ainda que de qualidade, são mais escassos em comparação com outras línguas, como o inglês, por exemplo, o que dificulta a diversificação de metodologias e a criação de práticas pedagógicas mais dinâmicas.

A língua inglesa, por sua vez, presente em praticamente todos os meios de comunicação e frequentemente associada ao comércio, à ciência e à tecnologia, recebe maior espaço no currículo escolar, contando com mais períodos semanais e uma ampla variedade de recursos didáticos. Essa diferença acentua o desequilíbrio entre as duas línguas e contribui para que o espanhol seja visto, muitas vezes, como secundário, apesar da sua importância estratégica no contexto latino-americano.

Somada a essas diferenças, a língua espanhola deixou de ser obrigatória no currículo do ensino médio brasileiro a partir de 2017. Isso ocorreu com a implementação

da reforma do Ensino Médio, que foi estabelecida pela Lei nº 13.415/2017⁴. Conforme o Art. 35-A, § 4º

os currículos do ensino médio incluirão, obrigatoriamente, o estudo da língua inglesa e poderão ofertar outras línguas estrangeiras, em caráter optativo, preferencialmente o espanhol, de acordo com a disponibilidade de oferta, locais e horários definidos pelos sistemas de ensino.

Em 2023, um projeto de lei previa a volta da obrigatoriedade, mas foi retirado da Câmara. No ensino fundamental, o ensino da língua espanhola também não é obrigatório. Conforme a Agência Câmara de Notícias,

o Projeto de Lei 1580/19 prevê a oferta da língua espanhola, de maneira opcional, no currículo do ensino fundamental. A disciplina será oferecida a partir do sexto ano em locais e horários definidos pelos sistemas de ensino.⁵

Em suma, muitas escolas, principalmente, na rede privada, ainda optam por manter a língua espanhola no currículo escolar, reconhecendo a importância desse idioma no contexto global e oferecendo aos estudantes a oportunidade de estudar outro idioma além do inglês. Ao torná-lo opcional na grade curricular das escolas, os estudantes passaram a ter menos contato com o idioma. Ademais, essa medida limitou a oportunidade de emprego dos profissionais graduados em Letras, fazendo com que muitos professores de espanhol buscassem trabalho em outras unidades de ensino, como cursos particulares, por exemplo.

3 O autismo na escola: todos os alunos são iguais?

Etimologicamente, o termo autismo vem do grego *autós*, que significa “de si mesmo”. Mencionado pela primeira vez pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler, buscava descrever a fuga da realidade e o isolamento do mundo exterior, observado em pacientes esquizofrênicos. Somente mais tarde foi aplicado a uma condição distinta, o autismo infantil (Couto, 2021).

Conforme Cunha (2022), o autismo envolve a observação de um conjunto de comportamentos que se agrupam em três áreas principais: comprometimentos na comunicação, dificuldades na interação social e atividades que são restritas e repetitivas.

Com a publicação do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5 (DSM-5), o autismo passou a ser chamado de transtorno do espectro autista devido à variedade de formas de apresentação, às diferenças na expressão dos sinais e à gravidade dos casos. No extremo mais severo do espectro, há manifestações autísticas intensas, com deficiência intelectual grave e pouca interação com o ambiente. Na outra ponta, o TEA mantém o aspecto cognitivo preservado, abrangendo a antiga síndrome de Asperger e o

⁴ Fonte: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm Acesso: 11 de mar. 2025.

⁵ Fonte: <https://www.camara.leg.br/noticias/985209-PROJETO-TORNA-A-LINGUA-ESPANHOLA-OPCIONAL-NO-CURRICULO-DO-ENSINO-FUNDAMENTAL> Acesso: 11 de mar. 2025.

TEA de alto funcionamento, com dificuldades mais evidentes na socialização e no comportamento adaptativo (Couto, 2021).

Segundo Carazza (2023), estima-se que entre 1% e 2% da população mundial apresenta algum grau de autismo, sendo quatro vezes mais comum em meninos do que em meninas. Nas últimas décadas, pesquisas indicam um aumento na prevalência de autismo globalmente. No começo de 2023, o Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos EUA (CDC), que acompanha o TEA desde 1996, revelou que a prevalência é de 1 em cada 36 crianças de 8 anos, representando um crescimento de 22% em relação à estimativa de dezembro de 2021, que era de 1 em cada 44. No Brasil, não há dados oficiais sobre a prevalência de TEA, mas um estudo preliminar sobre a incidência de autismo na população brasileira apontou uma taxa de aproximadamente 27,2 por 10 mil crianças.

Com base neste número, pode-se afirmar que, em algum momento da sua carreira, todo professor terá pelo menos um aluno com transtorno do espectro autista (TEA). Diante deste cenário, um tema importante vem à tona: a inclusão destes alunos nas escolas regulares. A obrigatoriedade da educação inclusiva para pessoas com transtornos do neurodesenvolvimento foi formalizada em 2008 por meio da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Em 2009, foram regulamentadas as Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. No entanto, o entendimento dos professores acerca das necessidades específicas dos estudantes com TEA no processo de inclusão ainda apresenta lacunas (Couto, 2021).

A educação inclusiva é ainda considerada deficitária, pois cada estudante é único, com suas potencialidades e desafios a serem superados. Isto exige planejamento de ações colaborativas entre todos com quem convive, ou seja, professor, equipe diretiva, família, profissionais de apoio escolar, entre outros.

Nos últimos anos, tem-se observado um crescimento nos estudos e debates sobre a formação pedagógica dos professores, com o objetivo de criar novos cenários e realidades na educação. Há uma percepção crescente de que a transformação da instituição escolar só será possível se os profissionais mudarem sua postura. Assim, pode-se afirmar que, em certa medida, há uma perda de sentido na educação e na prática docente. Compreender a formação dos professores pode contribuir para que a inclusão escolar se torne uma realidade plena, considerando sua complexidade, e não apenas ações pontuais ou aulas isoladas. A preparação dos profissionais da educação deve levar em consideração as demandas da sociedade brasileira em sua configuração atual, capacitando-os para atuar na organização e gestão de todos os segmentos do sistema nacional de ensino (Costa, 2023).

De acordo com Guerra (2021), crianças com TEA necessitam muito mais do que atenção individualizada, elas requerem um projeto pedagógico totalmente personalizado, que começa com uma escuta sensível. Ou seja, em uma sala de aula, as estratégias do professor não deveriam ser padronizadas para todos, pois uma turma inteira tem diferenças. Todos nós, com ou sem deficiência ou transtorno, somos diferentes. Portanto, o conhecimento e as práticas docentes devem sempre se orientar pelo melhor interesse do aluno, buscando um modelo de inclusão em que todos possam realmente participar do processo escolar, indo além de apenas ocupar o espaço físico na escola.

A autora ainda afirma que a inclusão que dispomos atualmente é aquela que mascara as diferenças, que simplesmente suporta o outro dentro do ambiente escolar,

colocando-o no fundo da sala de aula apenas colorindo. Para que a inclusão realmente possa acontecer, não somente a infraestrutura das escolas deve ser modificada, mas também mudanças em todo o contexto educacional. Nesse sentido, o Projeto Político Pedagógico (PPP) deve ser elaborado com foco em ações que envolvam a participação ativa de todos os membros da comunidade escolar. Isso ajudará a promover a aprendizagem coletiva, fortalecer o sentimento de pertencimento, cultivar o respeito e a solidariedade, além de incentivar transformações no modelo educacional convencional.

Para que o trabalho dentro da escola regular seja bem executado e inclusivo, o serviço do Atendimento Educacional Especializado (AEE) deve ser considerado indispensável. Com a promulgação da Constituição Federal de 1988, foi garantido o direito a este serviço (Guerra, 2021).

A escola deve reconhecer a relevância do Atendimento Educacional Especializado (AEE), pois esse serviço contribui para o desenvolvimento das habilidades essenciais dos alunos com deficiência, apoiando seu processo de aprendizagem. O AEE atua como um complemento ao ensino regular nas salas de aula comuns, oferecendo assistência na Sala de Recursos Multifuncionais (Cunha, 2021).

O trabalho realizado pelo AEE tem o propósito de identificar, desenvolver e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que removam as barreiras à plena participação dos alunos, levando em conta suas necessidades específicas. Isso complementa ou suplementa a formação do aluno, visando à autonomia dentro e fora da escola. As atividades do AEE são distintas das realizadas nas salas de aula comuns e não substituem a escolarização, nem devem ser confundidas com reforço escolar. Elas possuem finalidades e objetivos próprios no ensino especial; promovendo a igualdade de oportunidades, preparam os alunos para a continuidade dos estudos e para uma vida profissional mais ampla (Guerra, 2021).

Antes do início do ano letivo, o profissional do AEE e o coordenador pedagógico devem oferecer apoio ao professor, fornecendo informações, orientações sobre diferentes situações e sugestões de leituras. Dessa forma, com mais dados sobre a situação do aluno, o professor pode definir os objetivos educacionais a serem alcançados, o tempo necessário para cada um e quais suportes são necessários para que esses objetivos sejam cumpridos conforme o esperado. Além disso, o docente deve criar critérios práticos para a aplicação ou observação das atividades e para a avaliação do aluno, os quais precisam ser adaptados às condições específicas de cada atendido (Braga, 2018).

Além de reconhecer a importância do serviço oferecido pelo AEE, torna-se necessário também dar atenção ao Plano Educacional Individualizado (PEI). O PEI é um documento personalizado que detalha as necessidades específicas de um aluno e as adaptações necessárias no ensino para apoiá-lo, garantindo uma otimização do desenvolvimento do estudante com necessidades educativas especiais ou com dificuldades de aprendizagem.

O PEI é o documento que envolve professores, pais e profissionais na participação do estudante, considerando todos os aspectos dele, não somente o educacional. É uma forma de garantir que o aluno seja apoiado de maneira completa e personalizada. Reconhece-se que cada aluno é único, com suas próprias habilidades, dificuldades, necessidades e ritmos de aprendizagem (Lazzarotto; Vieira; Helena, s.d).

Se desejamos que crianças com deficiência ou transtornos estejam nas escolas regulares, em uma verdadeira inclusão, precisamos reconsiderar algumas questões

importantes, como os direitos e a qualidade do atendimento médico-terapêutico, o direito de se deslocar sem custos e o direito a uma educação que inclua Atendimento Educacionais Especializados. Isso deve proporcionar a esses indivíduos uma qualidade de vida ampla e completa, como qualquer cidadão com direitos na sociedade em que vivemos. Ao longo da história, as pessoas com deficiência enfrentaram muitas lutas, sofrimentos, invisibilidade e exclusão, esforçando-se para garantir seu lugar na sociedade e seus direitos, assim como todos os outros. Não podemos mais aceitar uma inclusão que ocorra apenas por imposição legal, pois isso é uma pseudoinclusão, que apenas abre as portas das escolas, mas mantém a segregação internamente (Guerra, 2021).

Somente com um trabalho em conjunto de toda a comunidade escolar, ou seja, professores, diretores, coordenadores, profissionais do AEE e famílias, teremos uma verdadeira inclusão, na qual compreenda-se que cada aluno é único e, desta forma, as suas necessidades também serão únicas. Neste sentido, é importante lembrar que a inclusão envolve mais do que apenas acolhimento. É preciso conhecer e identificar cada um dos alunos com deficiência, oferecer um currículo de atividades funcionais e, sobretudo, oferecer uma educação de qualidade, que oportunize um desenvolvimento total, respeitando as diferenças.

4 O desafio de ensinar espanhol para um aluno autista não verbal

Ingressei na faculdade de Letras em 2002, e concluí o curso superior em 2006. Ao longo da faculdade, nunca foi mencionada a questão de “alunos de inclusão ou com necessidades especiais”. Naquela época, somente mencionavam-se escolas que trabalhavam com crianças com deficiência, como a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAIE), por exemplo, e as crianças com deficiência intelectual eram chamadas de “excepcionais”.

Após a conclusão da faculdade de Letras, lecionei durante anos em escolas de idiomas e nunca havia tido contato com crianças com deficiência. Esse contato só aconteceu quando ingressei nas escolas regulares, de ensino fundamental e médio. Inicialmente, foi um choque, porque me senti totalmente despreparada para trabalhar com esses alunos.

Diante desta nova realidade, o primeiro passo foi procurar artigos que falavam sobre o autismo para poder entender um pouco mais sobre essas crianças e adolescentes. À medida que fui lendo e me aprofundando sobre o assunto, identificava cada aluno nas leituras, pois cada criança é única e requer recursos específicos e efetivos que atendam às suas necessidades particulares e melhorem seu funcionamento global. Conforme Pontis (2022), ao observar mais de cem crianças com transtorno do espectro autista, perceberemos que, embora o diagnóstico seja o mesmo para todas, o funcionamento global de cada uma é completamente distinto.

Conhecer as habilidades e as dificuldades de cada aluno na aprendizagem são aspectos necessários, porém, devemos também conhecer o seu comportamento, pois é comum que uma criança autista se sinta incomodada e intimidada em ambientes novos, como a escola. É natural que ela busque apoio nas coisas ou movimentos que a atraem, mantendo-se fixada neles e desconsiderando tudo o que está ao redor. É habitual que surjam birras quando alguém a contraria. Também é normal que o medo e a raiva possam se intensificar a ponto de se tornarem traumáticos. O professor precisa entender como se relacionar com a realidade do mundo autista. Nessa interação, o professor é quem aprende primeiro, enquanto o aluno é quem o ensina (Cunha, 2022).

A cada início de ano letivo, novos alunos foram ingressando nas turmas e, em 2024, durante a jornada pedagógica, fui informada pela coordenação da escola que teria três alunos autistas numa turma de sexto ano e que um deles não era verbal.

O autismo não verbal é quando pessoas diagnosticadas com TEA não conseguem se comunicar verbalmente, ou seja, por meio da fala. São pessoas que muitas vezes enfrentam dificuldades para expressar o que sentem ou desejam por meio de outras formas de comunicação. Isso ocorre porque uma parcela significativa das crianças autistas não consegue usar a linguagem verbal para se comunicar ou tem um vocabulário muito limitado. Como resultado, elas enfrentam barreiras no aprendizado da linguagem oral. A ausência de fala ou de linguagem oral em uma pessoa não significa que ela não compreenda. No caso do autismo não verbal, a pessoa pode ter dificuldades em se expressar verbalmente, mas consegue entender o que os outros dizem (Rissato, 2024).

Segundo Prizant (2023), estima-se que entre 30% e 40% das pessoas autistas não utilizam a fala como seu principal meio de comunicação. Algumas pessoas se referem aos não falantes como "não verbais", mas o termo "verbal" se aplica a qualquer sistema que usa linguagem, seja por meio da fala, da escrita ou de uma língua de sinais. Uma pessoa pode ser considerada verbal mesmo sem utilizar a voz. Alguns indivíduos não conseguem emitir sons; outros conseguem, mas não produzem uma fala que seja compreensível. Há também aqueles que têm uma fala muito limitada ou "instável", que pode não estar sob seu controle voluntário. Além disso, pessoas com síndrome de Tourette ou que sofreram um AVC, por exemplo, às vezes têm dificuldades em controlar a fala. A ausência de fala não é uma característica inerente ao autismo, mas pode ser uma condição que acompanha o autismo e que possui uma base neurológica, frequentemente referida como transtorno motor da fala.

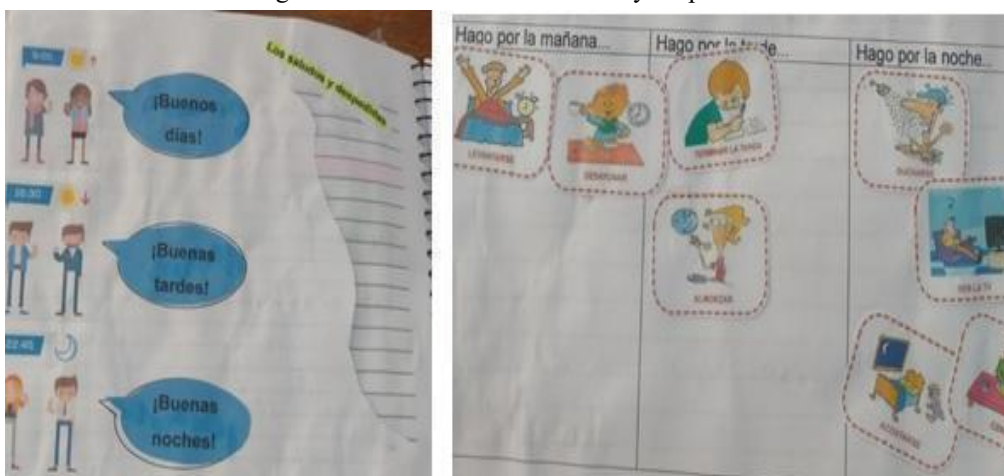
No momento em que soube sobre o estudante com TEA não verbal, fiquei bastante confusa, pois dúvidas surgiram, afinal como iria ensinar espanhol para um aluno não verbal? Como adaptaria os materiais, visto que ele não conseguia ler nem escrever? O primeiro pensamento que tive foi adaptar todos os conteúdos do livro didático do sexto ano para ele, para garantir ao aluno com TEA o acesso ao currículo escolar por meio de adaptações que considerem materiais específicos para cada contexto. De acordo com Braga (2018), não se trata de criar um novo currículo, mas de reorganizar e ajustar o currículo existente para melhor atender a essas situações. Para isso, são necessários jogos pedagógicos desenvolvidos especialmente para cada condição, como o uso de sinalizadores visuais com imagens, fotos, desenhos, esquemas de atividades que apresentem um passo a passo – início, meio e fim –, sinais visuais e ajustes de diferentes tamanhos. Tudo isso tem o objetivo de fazer com que o aluno se sinta parte do processo educacional em que está inserido, possibilitando o acesso e a utilização de materiais adaptados, visando uma melhor organização sensorio-motora para aqueles com Transtorno do Espectro do Autismo – TEA.

Na primeira aula do ano letivo, ao conhecê-lo, observei que era um menino tranquilo, que passava o tempo todo sentado, observando tudo ao seu redor. Propus para todos os alunos que escrevessem uma cartinha para eles mesmos com os seus desejos para o ano de 2024. Fui até ele e propus que ele fizesse um desenho de algo que ele gostava ou queria, e ele fez o contorno da própria mão. Aquele desenho poderia ter alguns significados, entre eles não ter habilidades para desenhar ou o desejo de aprender a escrever.

Para as aulas seguintes, todos os conteúdos gramaticais de espanhol que foram ensinados para os demais alunos do sexto ano, foram adaptados para ele. Houve atividades que deram certo, porém, algumas não surtiram o resultado esperado. Com relação aos trabalhos e os temas de casa, eliminei, porque muitas vezes, alunos com TEA acham exaustivo enfrentar um dia agitado na escola e necessitam de um “momento de relaxamento” ao chegarem em casa. Além disso, eles podem ter dificuldades em compreender a ideia de realizar mais atividades escolares em casa e acabam se ressentindo com isso. Por isso, é recomendável minimizar a quantidade de “lição de casa” sempre que possível ou permitir que essas atividades sejam feitas durante o horário escolar (Hudson, 2019). Portanto, passei a avaliar o que era realizado em sala de aula, inclusive para acompanhar o seu desempenho. As únicas atividades que não puderam ser eliminadas foram as provas avaliativas de cada trimestre; porém, todas foram adaptadas e, durante a aplicação, o aluno recebia orientação.

Para exemplificar as dificuldades enfrentadas, na aula sobre “saludos y despedidas” (Figura 1), ele apresentou limitações para associar o “nacer do sol” com a manhã, o “pôr do sol” com a tarde e a lua com a noite. Também apresentou muita dificuldade para compreender as atividades que eram realizadas no período da manhã, tarde ou noite. Tanto a monitora que o acompanhava durante as aulas, quanto eu, tivemos dificuldades de auxiliá-lo na atividade. Acredito que a atividade não tenha alcançado o objetivo esperado, pois talvez não reflita a realidade do aluno. Afinal, será que ele tem uma compreensão clara do que faz pela manhã, tarde ou noite?

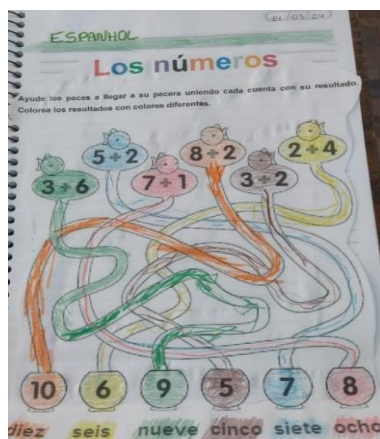
Figura 1 – Atividade sobre saludos y despedidas



Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Outra atividade, que não atingiu o resultado esperado, estava relacionada aos números (Figura 2). Nessa atividade, o aluno deveria realizar a soma dos números que estavam dentro dos balões, e ligar o balão da soma com o resultado correspondente, colorindo o caminho entre os peixes e seus respectivos aquários. O aluno apresentou muita dificuldade para fazer a soma, bem como percorrer o caminho e chegar no aquário correto. Mesmo que eu mostrasse os números usando meus dedos para ajudar na soma, o aluno ainda não reconhecia os números na atividade e também não conseguia percorrer o caminho usando as mãos para chegar ao aquário correspondente. Analisando a atividade posteriormente, percebi que havia muitas informações num mesmo exercício, o que pode tê-lo deixado confuso.

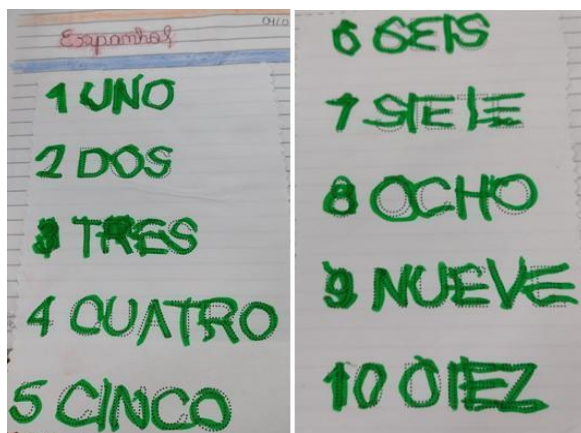
Figura 2 – Atividade sobre Los números



Fonte: <<https://br.pinterest.com/pin/774124917276968/visual-search/?x=7&y=86&w=424&h=521&cropSource=9&surfaceType=flashlight&rs=pin>>

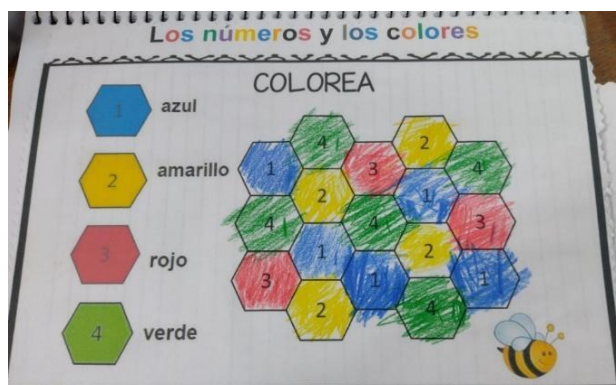
A partir desse momento, vendo a dificuldade que o aluno apresentava para reconhecer algumas figuras e números, comecei a elaborar atividades mais simples e com “menos informações”, como circular os números e letras pontilhadas (Figura 3) e fazer associação por pares (Figura 4). Nesse momento, percebi que essas atividades faziam mais sentido para ele.

Figura 3 – Atividade sobre Los números



Fonte: Elaborada pela autora (2024)

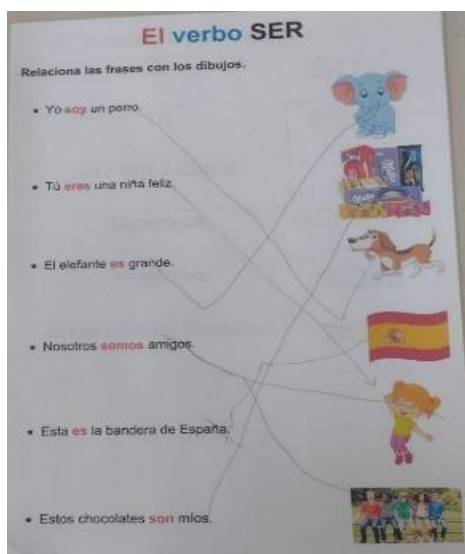
Figura 4 – Atividade sobre los números y los colores



Fonte: <https://ibiuna.llie.ge/slides/download?slide_id=6546>

À medida que os conteúdos avançavam, comecei a explorar mais o uso de imagens, como nas conjugações verbais (Figura 5). Nessa atividade, o aluno deveria ligar a frase, que continha um verbo em destaque, com uma imagem correspondente. Dessa forma, havia a relação do vocabulário com a imagem. A imagem é um elemento importante para a criança autista construir conhecimento. Então, percebi que as atividades começaram a ser realizadas com mais tranquilidade pelo aluno.

Figura 5 – Atividade sobre Verbo Ser



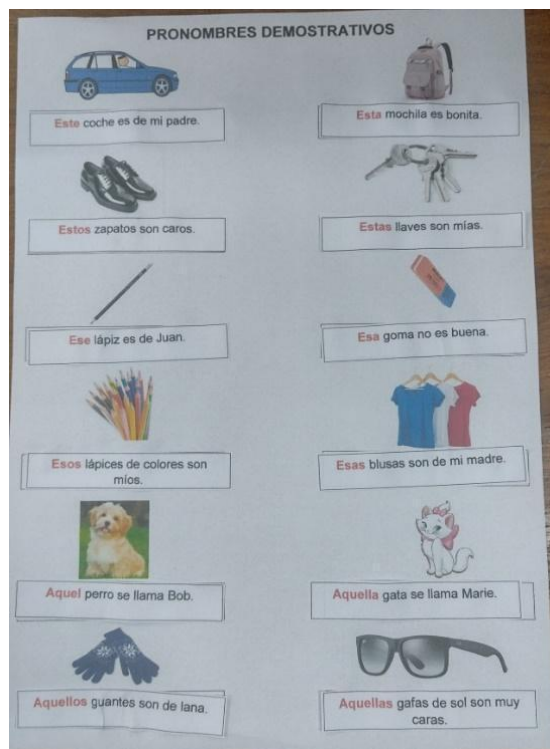
Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Em todas as aulas, procurei trazer para o aluno atividades que fizessem ele pensar, raciocinar. Sempre que aplicava as atividades, lia as frases em espanhol e pedia para ele apontar com o dedo qual a figura que estava relacionada com a frase lida. Caso não conseguisse aplicar a atividade, pedia para a monitora aplicar a atividade da mesma maneira como eu fazia, evitando dar a resposta para ele.

Quando a monitora que o acompanhava nas aulas teve o seu contrato encerrado, tive receios de como o aluno iria comportar-se, afinal foram meses convivendo com ela. O receio era se o profissional que iria ocupar a sua função, deixaria o aluno à vontade e executaria as atividades tão bem com ele. Para a minha surpresa, veio um monitor, e o aluno pareceu sentir-se muito mais à vontade. Conforme afirma Cunha (2022), compreendi que a presença masculina na educação de meninos autistas é bastante significativa, uma vez que a imitação e o condicionamento são mais evidentes, tornando a atuação de um educador homem muito relevante. Entretanto, isso não diminui a importância da figura feminina nem desconsidera suas contribuições; pelo contrário, enfatiza que as diferenças devem ser valorizadas e complementadas.

Com a entrada do monitor, o aluno seguiu fazendo as atividades com entusiasmo e atenção. Comecei a explorar novamente as atividades de colagem (Figura 6), que foram bem executadas pelo aluno. Nessa atividade, o aluno deveria recortar as informações textuais e colar as tiras abaixo das respectivas figuras. Neste momento, o estudante já conseguia identificar o significado de palavras como *perro*, *coche* e *gafas*, que foram usadas em outras atividades ao longo do ano letivo.

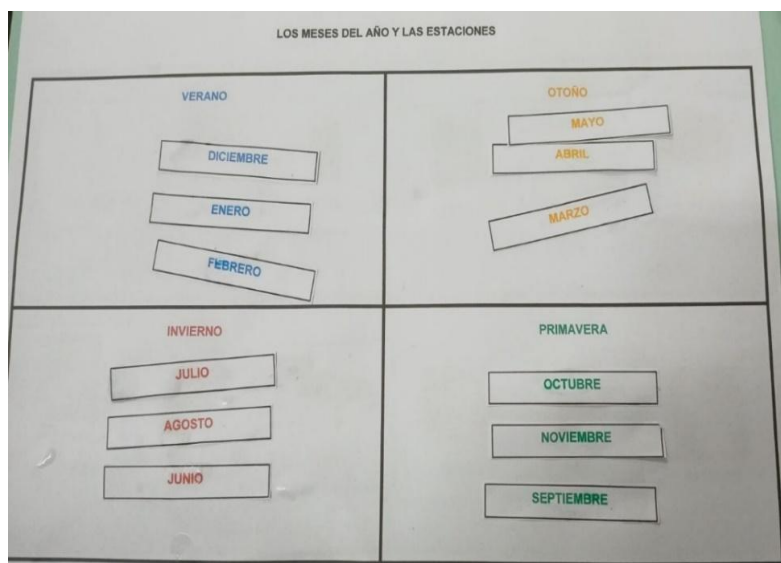
Figura 6 – Atividade sobre Pronombres Demostrativos



Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Testei também atividades de associação por cores (Figura 7) e obtive ótimos resultados. Ainda que o aluno não conseguisse associar os meses às estações do ano, ele conseguiu realizar a atividade fazendo a associação por cores. Nesta atividade, eu lia para ele o nome das estações e dos meses e pedia para ele fazer a correspondência por cores. Percebi que, se eu usasse figuras de verão ou inverno (praia, neve, etc.) ou figuras relacionadas a datas comemorativas (Papai Noel, coelho da Páscoa, etc.), ele poderia não conseguir identificar. Por isso optei por uma abordagem mais simples: eu lia os meses em espanhol e pedia para ele colocá-los no quadro com a mesma cor.

Figura 7 – Atividade sobre los meses y estaciones del año



Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Atividades que também apresentaram bons resultados foram as de colorir. Nesta atividade (Figura 8), por exemplo, o aluno tinha que colorir de azul todas as figuras relacionadas ao verão e, de vermelho, todas relacionadas ao inverno. Ao propor esse tipo de atividade, meu objetivo não era apenas o “colorir por colorir”, mas fazê-lo reconhecer as figuras e associar com as estações.

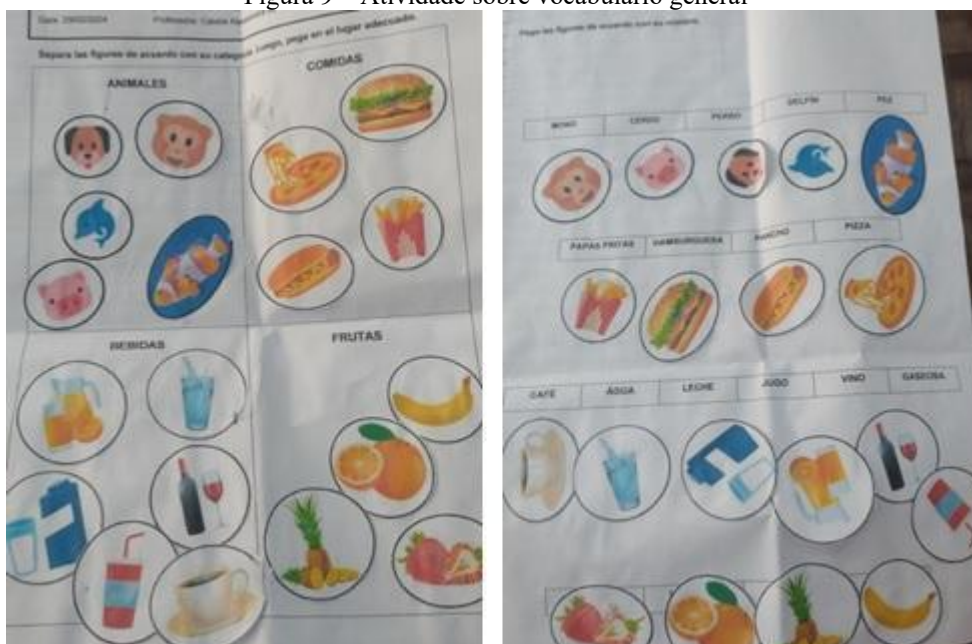
Figura 8 – Atividade sobre las ropas y las estaciones del año



Fonte: Elaborada pela autora (2024)

É importante destacar que sempre foi concedida autonomia para o aluno colorir as figuras nas atividades propostas e incentivá-lo, ainda que a colagem não ficasse alinhada (Figura 9 e Figura 10). Sempre quis deixá-lo fazer essas atividades de colagem para sentir-se à vontade e ser participativo, pois o aluno com autismo deve se sentir valorizado e protagonista de seu próprio aprendizado. Ofereça elogios, estimule e incentive; aqueles que recebem reconhecimento estão mais dispostos a aprender e conseguem aprender de maneira mais eficaz (Guerra, 2021).

Figura 9 – Atividade sobre vocabulário general



Fonte: Elaborada pela autora (2024)

socialização. Isso inclui o uso de estratégias pedagógicas diferenciadas, recursos visuais, apoio de profissionais especializados, como professores de apoio ou terapeutas, e a sensibilização de toda a equipe escolar para entender e respeitar as particularidades dessas crianças. Assim, a escola ajuda a promover a autonomia, a autoestima e a integração social, garantindo que elas tenham oportunidades iguais de aprender e crescer.

Por fim, este ensaio aborda a importância de adaptar materiais para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), destacando que essas crianças podem apresentar dificuldades na comunicação e na interação social, o que torna essencial o uso de estratégias específicas e recursos visuais para facilitar o aprendizado. O texto enfatiza a necessidade de um ensino individualizado, com atividades que promovam a compreensão de forma lúdica e envolvente. Além disso, destaca que o suporte de profissionais qualificados e a participação de toda a comunidade escolar são essenciais para o êxito do processo de aprendizagem. Em síntese, o ensaio enfatiza que, com as estratégias corretas, é possível promover a aprendizagem de crianças com TEA de forma eficaz e inclusiva.

Referências

- ANTUNES, Celso (Coord.). *Língua estrangeira e didática*. Coleção Como Bem Ensinar. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BRAGA, Wilson Candido. *Autismo: azul e todas as cores. Guia básico para pais e profissionais*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- CARAZZA, Cláudia Lúcia. *Transtorno do Espectro Autista nível 1: caracterização ao longo do desenvolvimento, aspectos clínicos e epidemiologia*. In: JÚLIO-COSTA, Annelise; STARLING-ALVES, Isabella; ANTUNES, Andressa M. (org.) *Leve pra quem? Transtorno do Espectro Autista. Nível 1 de suporte*. Belo Horizonte: Ampla, 2023.
- COSTA, André Júlio. *Inclusão escolar e transtorno do espectro autista nível 1*. In: JÚLIO-COSTA, Annelise; STARLING-ALVES, Isabella; ANTUNES, Andressa M. (org.) *Leve pra quem? Transtorno do Espectro Autista. Nível 1 de suporte*. Belo Horizonte: Ampla, 2023.
- COUTO, Cirleine Costa. *Autismo e professores: diagnóstico precoce, inclusão escolar e rede de atenção psicossocial*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2021.
- CUNHA, Eugênio. *Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família*. 9. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2022.
- GUERRA, Simone Maia. *Eu estou aqui! O autismo na escola*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2021.
- HUDSON, Diana. *Dificuldades específicas de aprendizagem: ideias práticas para trabalhar com dislexia, discalculia, disgrafia, dispraxia, TDAH, TEA, Síndrome de Asperger, TOC*. Tradução de Guilherme Summa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- LAZZAROTTO, Paloma R. C.; VIEIRA, Luciana M.; HELENA, Andrea C. S. *A importância do plano educacional individualizado para a inclusão do aluno com*

deficiência. Disponível em:

<https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/1831/assets/edicoes/2024/arquivos/75.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2025.

PONTIS, Marco. *Autismo: o que fazer e o que evitar. Guia rápido para professores e professoras do Ensino Fundamental*. Tradução de Moisés Sbardelotto. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

PRIZANT, Barry M. *Humano à sua maneira: um novo olhar sobre o autismo*. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 1. ed. São Paulo: Edipro, 2023.

RISSATO, Heloise. *DSM-5: Quais são os critérios do diagnóstico para o autismo?*

Publicado em 07 de nov. de 2023. Disponível em:

<https://genialcare.com.br/blog/criterios-diagnostico-dsm-5-para-autismo/>. Acesso em: 04 jun. 2025.

ANEXO A – PEI (PLANO EDUCACIONAL INDIVIDUAL)

PEI

**Plano Educacional Individual
IDENTIFICAÇÃO**

Nome: _____
Idade: _____ Data de nascimento: ____/____/_____
Nível/Ano: _____ Data da elaboração: ____/____/_____

COMO ELE APRENDE (recursos, estratégias, “condições”) Professora do AEE

COMPORTAMENTOS (observações, estratégias e manejos) Professora do AEE

O QUE ELE SABE? (Professora do AEE)

Linguagem (oral, leitura, interpretação e escrita)

Lógico-matemático (construção do número, operações, números, cores, etc.)

HABILIDADES (BNCC) Professor

OBJETOS DO CONHECIMENTO / CONTEÚDOS (Professor)

PRAZO () Bimestral () Trimestral () Semestral

METODOLOGIA (estratégias e recursos)

ADAPTAÇÃO E FLEXIBILIZAÇÃO CURRICULAR PARA AVALIAÇÃO

Professor: _____

Disciplina: _____

Indicadores Específicos

Aspectos que devem ser considerados na Avaliação:

<u>Objetivos / Conteúdos Específicos da Disciplina</u>	<u>Relatar o desenvolvimento do aluno</u>
1.	
2	

3.	
4.	
5.	
6.	

Observações:

Assinatura do Professor

Data: ___ / ___ / ___